

"Enxugamento" no Sertão

A redução do efetivo de vigias do Sertão já teve repercussão. No sábado de carnaval o bar que fica dentro das instalações da empresa foi assaltado. Os ladrões levaram suprimentos e uma televisão do arrendatário do estabelecimento. Ali pertinho estavam, além dos equipamentos da Eletrosul, materiais da UFSC que estavam em manutenção e valem 16 bilhões de cruzeiros. Só falta os dois guardas que sobram (antes eram seis) levarem a culpa que é da diretoria da empresa, que não zela pelo seu patrimônio.

Slogan discriminatório

"Administrar é cortar despesas", este poderia ser o slogan da administração Raimundo Colombo/Vieira na Celesc. Mas o slogan só vale para os salários, já que os contratos com as empreiteiras são reajustados mensalmente, pelo INPC pleno do mês anterior. Privilegio é isto!

Visita inusitada

O Conselho de Curadores da CELOS, convocado às pressas, recebeu visita do presidente da Celesc, Raimundo Colombo. Ele foi exigir a redução do valor do aluguel do edifício-sede. O objetivo declarado por ele é de cortar as despesas da empresa. O Conselho exige porém o cumprimento do contrato. E os empregados se perguntam: por que não reduzir também o custo das empreiteiras. Só para fazer a leitura e entrega de faturas de energia estas empresas abocanharam da Celesc, em fevereiro, mais de Cr\$ 6 bilhões - o dobro do aluguel do edifício-sede.



LINHA VIVA

Nº 116
04/03/93

Justiça manda Celesc reintegrar

Mais sete empregados demitidos arbitrariamente pela Celesc devem ser reintegrados às suas funções esta semana. Todos eles entraram na empresa em 1990 e foram afastados do trabalho, sem justa causa, em 15 de janeiro de 1992. A 2ª Junta de Conciliação e Julgamento de Florianópolis condenou a Celesc a - além da reintegração - pagar todos salários do período de afastamento dos sete, acrescidos das vantagens contratuais.

A Celesc alegava que a efetivação destes empregados - feita por ela mesmo - era irregular, mas não provou isto. Além disso não ob-

servou que todos funcionários da empresa estão garantidos por um contrato coletivo de trabalho que os protege, até setembro de 1993, de demissões arbitrárias.

A 2ª Junta registrou ainda que não foi obtida nenhuma prova sobre o pagamento a estes empregados das verbas rescisórias, que a Celesc diz ter pago. Por isto na sentença salienta que, "a ausência de documentos, acompanhando a contestação, é sintoma revelador de que a afirmação da ré (Celesc) não é verdadeira, beirando a má-fé processual".

Acordo revela falta de ética

A Eletrosul informou no *Saiba* número nove que "celebrou acordos" com sindicatos, com vistas a política salarial e que os resultados destes seriam estendidos a todos os empregados. Os sindicatos envolvidos, segundo o boletim, são de engenheiros, secretárias, advogados e contabilistas, todos historicamente aliados da direção da empresa.

De parte dos sindicatos e da Eletrosul o acordo é um gesto de coerência com suas trajetórias e compromissos. A gestão "collorista" de Gazaniga infringindo as relações éticas e profissionais que deve ter na relação com os sindicatos majoritários. Os sindicatos diferenciados servindo aos interesses da diretoria da empresa.

Trata-se de uma afronta a organização sindical. É um retrocesso nas relações trabalhistas, um fato inédito tanto quanto lamentável.

Eleição

Apenas uma chapa inscreveu-se para concorrer nas eleições do Sinergia que acontecem nos dias 11 e 12 de março. A chapa praticamente mantém a composição da atual diretoria. Entitulada "sindicato cidadão" a chapa diz que vai fazer campanha como se houvesse outro concorrente, "para ocupar este momento de discussão". Mauro Passos, um dos integrantes da chapa escreve na *Tribuna Livre* deste jornal sobre o processo eleitoral.

Expressão Sindical

Dias 5 e 6 de março acontece no Rio Grande do Sul o Seminário Expressão Sindical, promovido pelo Sindicato dos Eletricistas daquele Estado. Entre os painelistas convidados estão a deputada Benedita da Silva, Carlos Alberto Chiarelli, Mauro Passos e outros sindicalistas e deputados.

Kleinubing contra saúde

Apesar de aprovado pelos deputados catarinenses, o governador Vilson Kleinubing vetou a criação do Conselho Estadual de Saúde, por considerá-lo "contrário ao interesse público". Ele se esqueceu que a criação do Conselho é determinada pela Constituição. Por isto as 66 entidades civis que elaboraram o projeto vão entrar na Justiça contra a decisão. O órgão a ser criado vai gerenciar os recursos federais que chegam ao Estado para a saúde.

Hipocrisia sem memória

O presidente da Eletrosul Amílcar Gazaniga está renegando seu partido, o PRN. Em declarações feitas a imprensa esta semana ele afirmou que ele foi criado por "oportunistismo político". Resta perguntar porque razão ele filiou-se a tal partido. Será que foi, oportunisticamente, para assumir o cargo na Eletrosul?

1ª turma surpreende e condena Mauro Passos

Na tarde do dia dois a primeira turma do Tribunal Regional do Trabalho julgou procedente o recurso que dá razão à Eletrosul para ter suspenso o contra de trabalho do presidente do Sinergia, Mauro Passo, por ações durante a última greve na empresa. A decisão causou estranheza, pois na instância anterior, a Junta de Conciliação e Julgamento, o posicionamento foi favorável ao sindicalista por unanimidade.

Outra razão da estranheza é o fato de que os motivos do provi-

mento do recurso não faziam parte do processo. Foram três votos contra dois, sendo que os contrários foram de um juiz classista patronal, de um juiz substituto e do presidente da turma, Vitório Ledra, que deu voto de minerva.

Esta posição, que ainda não foi oficialmente publicada, não encerra o processo. A assessoria jurídica do Sinergia está estudando as medidas processuais cabíveis no caso.

DRT autua Besc por excesso de jornada

O Delegado Regional do Trabalho, Paulo Rogério Soar, autuou no último dia 17 o Besc - Banco do Estado de Santa Catarina pelos excessos na jornada de trabalho determinada aos empregados da Região de Florianópolis. A autuação foi a primeira providência concreta da DRT, tomada imediatamente após o recebimento do dossiê do Sindicato dos Bancários com denúncias de irregularidades cometidas pelo banco em relação às condições de saúde, segurança e jornada de trabalho nos postos e agências da instituição.

Soar decidiu também criar uma Comissão Especial da DRT para analisar as denúncias contidas no dossiê e encaminhar, juntamente com o Sindicato, ações visando a solução dos problemas. O documento cita casos de bancários que chegam a trabalhar até 14h30min por dia, nos

sábados, atendendo a retaguarda dos caixas eletrônicos. Afirma também que "é habitual o exercício de horas extras antes e depois do horário de atendimento ao público, sem pagamento".

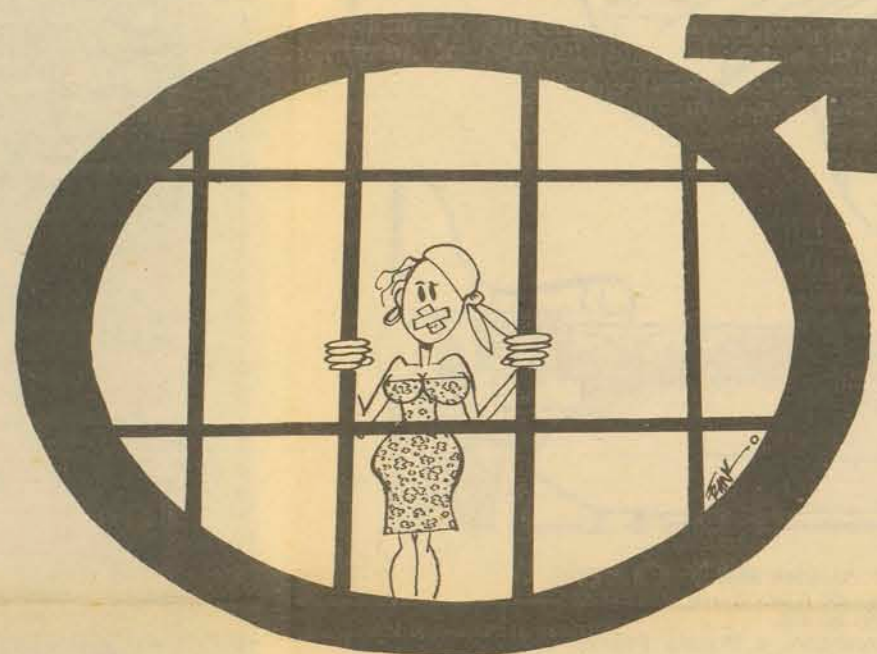
Também no dia 17 o procurador substituto do Ministério Público do Trabalho, Leonardo Baierli, prometeu encaminhar um pedido formal de explicações ao Besc sobre os temas levantados no dossiê. O procurador orientou o Sindicato dos Bancários a ingressar imediatamente na Justiça com ação de cumprimento da lei que orienta o horário normal de jornada de trabalho (o artigo 224 da CLT) e da Norma Regulamentadora 17, que estabelece as condições ideais de saúde e segurança do trabalho. Baierli prometeu sustentar judicialmente a ação do Sindicato.

Mulheres: muita luta e poucos avanços

Oito de março de 1957. Dezenas de mulheres de uma fábrica de tecidos de Nova York entram em greve reivindicando melhores condições de trabalho. Elas não tinham licença gravidez e trabalhavam 16 horas por dia, em pé, mesmo doentes. A greve reivindicava uma jornada de trabalho de 10 horas. Os patrões não tiveram dúvidas, trancaram as portas da fábrica e todas elas morreram queimadas.

Quase um século depois esta data seria lembrada durante um Congresso de Mulheres e instituída como Dia Internacional da Mulher. De 1857 até hoje um longo caminho vem sendo percorrido pelas mulheres do mundo inteiro na busca de seu reconhecimento frente a uma sociedade predominantemente dominada pelos homens.

No Brasil e no mundo o movimento de mulheres só foi realmente aparecer como tal no pós-guerra. Antes disso uma das principais reivindicações foi pelo direito ao voto. No Brasil as mulheres só conquistaram esse direito após muita luta, no ano de



1932. Nesse período até os anos 50 as mulheres se restringiram a participar, juntamente com os homens, das lutas mais gerais, por melhores condições de vida e de trabalho e de campanhas políticas gerais.

FEMINISTAS - Os anos 60 não mudaram apenas o comportamento mundial da sociedade. O movimento feminista apareceu na sua plenitude. Mulheres foram para as ruas nos Estados Unidos *queimar suíças* em enormes fogueiras, como forma de mostrar que queriam liberdade. Liberdade de um modelo feminino criado pelos homens. Liberdade para mostrar, no mercado de trabalho, que sua capacidade era igual a de tantos homens que sempre mantiveram o monopólio dos cargos mais importantes.

O símbolo desse período foi uma das biblias do movimento feminista o livro "O Segundo Sexo" de Simone de Beauvoir. Símbolo da possibilidade, apesar de tudo, mesmo para uma mulher, de levar sua vida com uma grande parte de autodeterminação, acima dos preconceitos e das convenções, conforme escreveu a jornalista Alice Scharzer.

TAREFA SAGRADA - Os anos

70 foram marcados pelo surgimento do que se chamou o novo Movimento de Mulheres. Começaram a se formar os coletivos de mulheres e a discussão passou a girar em torno de questões relativas a maternidade, a sexualidade e a desmistificação da chamada "natureza feminina". Exemplificada nessa frase de Simone de Beauvoir: "Como não se pode dizer às mulheres: é uma tarefa sagrada limpar as panelas, dizem que é uma tarefa sagrada criar filhos".

Nos países desenvolvidos do mundo inteiro, milhares de mulheres saíram às ruas reivindicando o direito ao aborto. Na base desta luta havia a necessidade de refutar a ideologia da maternidade, a divisão do trabalho em tarefas masculinas e femininas.

ANO DO CAVALO - Em 1975 a ONU - Organização das Nações Unidas - instituiu o Ano Internacional da Mulher. Prova de que apesar de toda a luta e das discussões, a sociedade "machista" ainda tentava a cooptação do movimento de mulheres e se negava a vê-lo como uma forma de modificar a sociedade como um todo. Mais uma vez é necessário recorrer a Simone de Beauvoir para ilustrar essa questão. A propósito do Ano Internacional

da Mulher ela declarou: "Depois virá o ano do mar, a seguir o do cavalo, do cão e assim por diante... Nós mulheres somos consideradas objetos, não valendo a pena neste mundo de homens, sermos levadas a sério mais de um ano".

No Brasil, delinear-se naquele momento duas vertentes sociais do movimento. Uma delas composta principalmente por mulheres dos setores médios dos grandes centros urbanos questionando a divisão sexual do trabalho e na vida cotidiana, a separação entre esfera pública e privada, a maternidade com encargo feminino, o direito às decisões sobre o próprio corpo.

A outra vertente mobiliza as mulheres nas periferias das grandes cidades, estimulada pela Igreja Católica que, depois da reunião de Medellín, persegue claramente objetivos sociais. Os clubes de mães promovidos pela Igreja desenvolvem, a exemplo das antigas reuniões, trabalhos manuais e passam a ser em muitos casos local de formulação de reivindicações por melhores condições de vida: combate à carestia, luta por saneamento, postos de saúde, creches.

NO BRASIL - Diversamente de outros países, no Brasil, as mulheres não fizeram conquistas legais e as próprias políticas públicas implementadas após a ampla mobilização das mulheres - como no caso das creches em São Paulo - não respondem satisfatoriamente à reivindicações. Mesmo a questão da liberação do aborto, algumas vezes apresentada e apreciada no Congresso Nacional, jamais conseguiu passar da discussão nas comissões da Câmara Federal, em sua maioria composta por homens.

Oito de março de 1993. 136 anos depois do massacre das operárias americanas é verdade que as mulheres não são mais carbonizadas por reivindicarem melhores condições de vida e de trabalho. No entanto não se pode dizer que muita coisa mudou, levando em conta o próprio progresso da humanidade em geral. Infelizmente, para a grande maioria das pessoas, oito de março é o único dia em que essas coisas são lembradas.

TRIBUNA LIVRE

Confiança ou omissão?

Mauro Guimarães Passos
Presidente do Sinergia

A inscrição de uma única chapa para as próximas eleições do Sinergia é um fato que exige reflexão, especialmente por se tratar da quarta eleição com uma única chapa.

As possibilidades de explicação deste fenômeno não são muitas: a primeira é acreditar que os eletricitários confiam plenamente no trabalho que vem sendo realizado; a segunda possibilidade é destacar a apatia que teria tomado conta da categoria.

De certa forma, acredito nas duas explicações. O Sinergia tem feito um trabalho respeitável em defesa dos interesses da categoria, a ponto de ser lembrado nacionalmente. Mas não se pode fechar os olhos para a omissão existente em largos setores entre os eletricitários, principalmente os vinculados à Eletrosul. Uma apatia, em parte, justificada pelo terror implantado pela gestão Gazaniga, mas nem por isso impossível de ser contornada.

No entanto há contrapontos. O processo eleitoral recente na Abcelesc contou com a participação de cinco chapas na disputa. É bem verdade que são entidades de natureza completamente distintas, mas que envolvem uma mesma categoria.

Mas a verdade é que uma eleição com chapa única não faz bem para a entidade nem para a prática democrática. Uma disputa eleitoral é sempre uma espécie de revigorante, um momento de debate sobre a entidade e seu trabalho. A chapa única que concorre certamente vai se esforçar para que o momento de eleição propicie debates e reflexões.

Contudo, é uma pena que mesmo aqueles que sistematicamente se opõem ao trabalho do sindicato não tenham se articulado para disputar, ou pelo menos discutir os rumos do sindicato. Resta apostar que não há omissão e que o trabalho da futura gestão seja coroado pela mobilização dos eletricitários, exercitando e ampliando sua dimensão cidadã.

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Dinovaldo Gilioli. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Seomazzon (DRT/RS 4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: gráfica do jornal O Estado. Redação: rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fone: (0482) 22-3866. Telefax: (0482) 23-5596. Telex: 481555. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Literatura: a identidade do catarinense

Celestino Sachet
Prof. Literatura Brasileira na UFSC

A Literatura Catarinense, ou A Literatura do Catarinense desde meados do século passado impregna o contexto cultural brasileiro como Realidade transitada pelos caminhos da História e como Identidade em trânsito, percebida pelos rumos da Crítica. E se o Evento, enquanto Literatura, nem sempre caminhou em paralelas com o "sistema de obras ligadas por denominadores comuns" dentro da Produção Nacional, nestas três últimas décadas do Século, torna-se clara a presença de elementos estéticos "pessoais" capazes de definir um contorno de "rostro próprio", se bem que esteja distante a marca de uma presença **específica**, como é o caso dos gaúchos, logo ali mais embaixo.

O transitar da Literatura Catarinense para dentro da História e para fora da Crítica concretiza-se num sistema de "ondas" que marcam presença em cada geração, a partir de 1847, quando Marcelino Antônio Dutra, o "poeta do brejo", publica o poemeto satírico **Assembléia das Aves**.

Dois anos mais tarde, em São Paulo, o estudante de Direito João Silveira de Souza publica **Minhas canções**, Romantismo com marcas de Gonçalves Dias e rumos para duas gerações até que Francisco Luís da Gama Rosa, médico e intelectual da Corte, chega ao Desterro, em 1883, para assumir o Governo da Província.

O novo líder político, homem de cultura e versado em novidades filosóficas e literárias em voga na Europa, vê-se logo cercado pelos "modernos" da Ilha, que abominam o Romantismo porque defendem as idéias liberais, a Abolição dos Escravos, a República, enfim. O grupo, com João Cruz e Sousa (1861-1898) e Virgílio Várzea (1863-1941), arma uma "guerrilha literária" e levanta a bandeira da Idéia Nova, soma de um Realismo-Simbolismo cujas fronteiras não se percebem em **Tropos e fantasias** (1885), contos e crônicas escritos a quatro mãos. Cruz e Sousa, em 1893, com **Faróis**, prosa, e **Broquéis**, versos, abre o Simbolismo no Brasil, enquanto Virgílio Várzea assume um claro realismo marinhista com seus livros **Mares e campos**, **Contos de amor**, **Histórias rústicas** e **Nas ondas**.

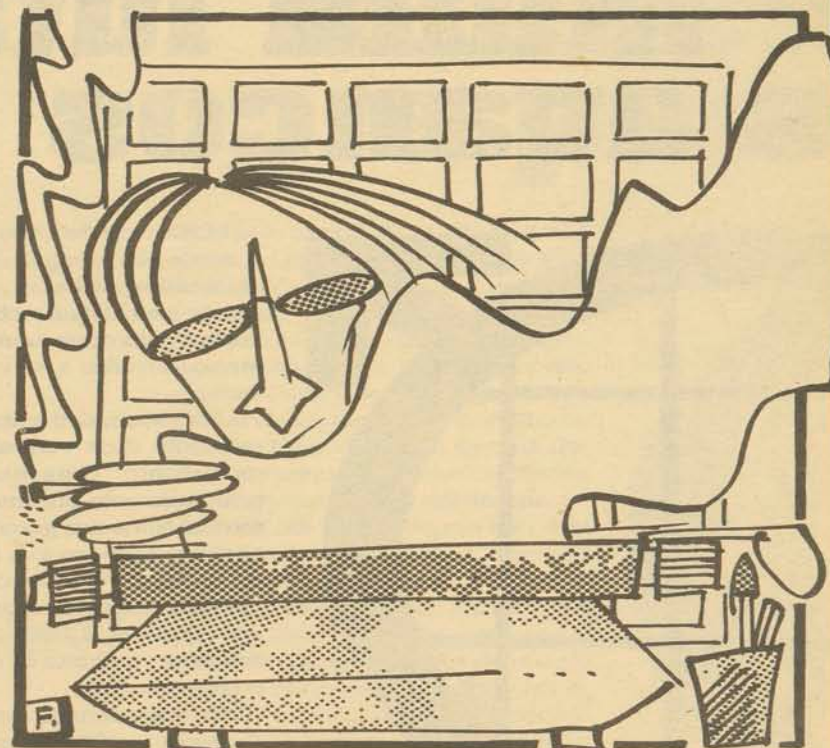
Na linha do Parnasianismo, Luís Delfino dos Santos (1834-1910), eleito "príncipe dos poetas brasileiros", (1885), é considerado por Sílvia

Romero o "maior poeta do Brasil", embora seus 14 livros só tenham sido publicados após a morte do Autor. A "Idéia Nova" da Pré-República é a Verdade Parnasiana que alimentará o poema, a crônica e o conto dos jovens da Geração da Academia que, a partir dos Anos Vinte, combaterá, de pena em punho, as mudanças introduzidas na Literatura Brasileira pela Semana de Arte Moderna de 1922: Altino Flores, Henrique Fontes, Barreiros Filho, Mâncio da Costa, Gustavo Neves e Othon d'Eça plantam uma vasta e respeitável produção, ainda escondida nas páginas dos jornais e das revistas do seu tempo. Só no final de 1992, Othon d'Eça terá publicada sua obra completa, com a novela **Vindita braba** e **Nuestra Señora del A-sunción** crônicas de viagem, editadas em primeira edição; os poemas e as crônicas de Barreiros Filho acabam de ser arrancados do esquecimento pela paciência da pesquisa de Pedro Albeirice da Rocha, do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, da UFSC.

A partir de 1948, e durante uma década, o Grupo Sul, consegue enxarcar a Ilha-Capital com os valores estéticos e iconoclastas de um Modernismo tardio, através dos 30 números da Revista SUL e de uma intensa atividade no romance, no conto, no poema, no teatro e... até no cinema. Os 15 livros publicados pelo Grupo aguardam análises abrangentes de uma ousadia na História e de uma iconoclastia na Estética. O "Sul" ainda continua em plena atividade criadora através da ficção de Guido Wilmar Sassi, Salim Miguel, Adolfo Boos Jr. e Silveira de Souza.

Logo após a morte do Grupo, (1958), uma nova turma de jovens entra pelas veredas de uma poética em que o rigor da forma-transpiração alimenta o fundo-inspiração de um Poema que se impregna da força dos mestres Vinícius de Moraes e João Cabral, entre outros, (mestres que servem de modelo a outros catarinenses, já não tão jovens: Maura de Sena Pereira, Marcos Konder Reis e Lucy Assumpção). Os poetas Péricles Prade, Osmar Pisani, C. Ronald e Rodrigo de Haro publicam seus primeiros livros ao chegar a Revolução de 1964.

Os anos do Movimento Militar não interrompem a marcha da Catequese Poética de Lindolf Bell, com seu poema levado às praças e às universidades; o Vara



Literário, de Alcides Buss, desde 1970, continua expondo o poema como peças de roupa secando ao sol.

O Concretismo, a Poesia Práxis, o Poema Processo e o Sincretismo Literário de Hugo Mund Jr., de Pinheiro Neto, de José Gomes, de Mila Ramos, de Carlos Damião, de Roberto Diniz Saut, de Fábio Bruggemann, de Renato Tapado, de Dinivaldo Gilioli purgam a maldição de permanecerem inéditos e desconhecidos para a Crítica Nacional porque publicados em Santa Catarina.

Na ficção atual, os personagens solitários de Holdemar Menezes, Roberto Gomes, Deonísio da Silva, Emanuel Medeiros Vieira, Amílcar Neves e de Hercúlo Faria Jr. convivem com as figuras neurotizadas pela grande urbs de Edla Van Steen, Ricardo Hoffmann, Donald Schuler e de Cristóvão Tezza. A maritimidade deixa marcas de um regionalismo impregnado de águas e de máguas, de sol e de sal, em Salim Miguel, Miro Moraes, Almiro Caldeira, Flávio José Cardozo, em Cláudio Bersi de Souza enquanto o vale do Itajaí está quase inteiro nos textos de Ricardo Hoffmann, Lausimar Laus e Urda A. Kluger. Do alto da Serra, Tito Carvalho, Guido Wilmar Sassi, Enéas Athanázio, Edson Ubaldo, Fernando Tokarski e Márcio Camargo Costa misturam bombachas no chimarrão e causos de "índios" nas campeiradas valentes do laçador, do pingo e do cusco.

Para confirmar sua História e para reafirmar sua Identidade, a Literatura Catarinense precisa transitar, a partir de agora, pelos caminhos mais amplos da divulgação e mais profundos da análise, fora da Ilha em que jaz encerrada há quase século e meio.

